

A Negociação de Imagens Identitárias em Depoimentos Judiciais e no Debate Eleitoral

THE NEGOTIATION OF IMAGES IN COURT STATEMENTS AND
IN ELECTORAL DEBATE

Gustavo Ximenes **Cunha***
Micheline Mattedi **Tomazi****

Resumo: Este trabalho procura evidenciar que a negociação de faces é um processo inerente à linguagem. Nesse sentido, a noção de face, tal como proposta por Goffman, assume importância central. Definida como um valor social positivo que o sujeito reivindica para si, essa noção é fundamental para os estudos da linguagem, por afetar todos os planos de organização do discurso. Em outros termos, todos os recursos linguísticos podem funcionar como estratégias por meio das quais os interlocutores negociam faces, preservando a própria imagem ou reparando-a de ataques sofridos e preservando ou atacando a imagem do outro. É a partir dessa noção de face que propomos o estudo de dois gêneros: o depoimento e o debate eleitoral. Especificamente, estudaremos o debate eleitoral que ocorreu em 2012 entre os então candidatos à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad e José Serra, e dois depoimentos relacionados a uma denúncia de uma vítima contra seu ex-companheiro, depoimentos registrados nas Delegacias Especializadas no Atendimento às Mulheres. Os estudos de ambos os gêneros revelam que, em situações de comunicação caracterizadas por um grau de tensão elevado, a linguagem está longe de ser um mero instrumento de

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013). Professor Adjunto da Faculdade de Letras da UFMG. Contato: ximenescunha@yahoo.com.br.

** Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fluminense (2007). Professora Adjunta III da Universidade Federal do Espírito Santo. Contato: michelinetomazi@gmail.com.

comunicação. Muito mais do que isso, a linguagem é a dimensão que permite aos interlocutores – seja uma vítima de agressão, seja um candidato a um cargo político – construir as imagens mais adequadas aos seus propósitos comunicativos.

Palavras-chave: Face. Estratégias discursivas. Interação.

Abstract: This work exposes the face work is inherent in language. Thus, the notion of face has central importance. Goffman defines the face as a positive social value that the subject claims. This notion is fundamental to linguistic studies, because it affects all levels of discourse. That is, all language resources can help in the face work. Thus, the interlocutors can preserve or attack the images involved in the interaction. Based on this notion, we propose the study of two genres – the testimony and the electoral debate. We will study the electoral debate that occurred in 2012 between the candidates for mayor of São Paulo, Fernando Haddad and José Serra, and two testimonials related to a complaint of a victim against his boyfriend, testimonials recorded in the police stations specialized in serving women. The studies of these genres show that, in situations of strained communication, language is not a mere instrument of communication. In fact, the language allows interlocutors – a victim of aggression or a candidate – build appropriate images to communicative purposes.

Keywords: Face. Discursive strategies. Interaction.

Introdução

Independentemente da perspectiva teórica que seguem, os estudos do discurso têm colocado cada vez mais no centro das discussões o fenômeno da negociação de imagens identitárias. Seja na perspectiva retórica, iniciada com Aristóteles e sua noção de *ethos*, seja na perspectiva interacionista, a partir de Goffman e de sua noção de face, os estudos acerca desse fenômeno vêm evidenciando a necessidade de se estudarem as imagens identitárias no âmbito do discurso. Afinal, a projeção de uma imagem de si é um dos principais recursos de que o locutor se vale para alcançar seus objetivos junto ao interlocutor visado.

Na literatura sobre face e sobre *ethos*, os trabalhos revelam que a negociação de imagens não é um fim em si. Ou seja, o orador não busca se apresentar ao auditório como benevolente ou virtuoso com o único fim de se mostrar benevolente ou virtuoso. Na verdade, em qualquer discurso, o processo de negociação de imagens envolve um jogo no qual a imagem que o locutor procura construir para si tem como finalidade levar o outro a pensar ou a agir de determinada maneira. Portanto, a projeção de uma imagem de si constitui recurso poderoso de persuasão (AMOSSY, 2005).

Inserido na perspectiva interacionista dos estudos da linguagem e valendo-se, portanto, principalmente de contribuições da microssociologia de Goffman (2009b, 2011), este trabalho tem por objetivo evidenciar que a negociação de faces é inerente à linguagem e não exerce impacto apenas sobre o nível mais restrito dos atos de fala, tal como evidenciado inicialmente pela Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987). Ao contrário, todos os diferentes planos da organização do discurso são fortemente impactados pelo processo por meio do qual os interlocutores, ao longo da interação, criam, ganham, defendem e perdem imagens identitárias.

Assim, nossa proposta, mais do que demonstrar a relevância que o estudo das imagens de si assume em determinada teoria do discurso, procura demonstrar a importância do fenômeno do gerenciamento de faces para os estudos da linguagem, já que, por qualquer viés que se analise discurso, sujeito, identidade, cultura, sociedade, é preciso passar pela construção tanto individual quanto coletiva do sujeito. Nas palavras de Charaudeau (2015), fazemos parte de uma *mise en scène* social no interior da qual agimos e pensamos, interrogando-nos constantemente sobre nosso lugar no mundo.

Para revelar o processo por meio do qual a negociação de faces se reflete nos diferentes planos de organização do discurso, apresentamos, inicialmente, a proposta de Goffman, tendo em vista, como apontamos, a concepção de discurso interacionista adotada neste trabalho. Nos itens posteriores, apresentamos os resultados de pesquisas que investigaram o processo de negociação de faces em diferentes gêneros. A primeira pesquisa tratou desse processo em depoimentos relacionados a uma denúncia de uma vítima contra seu ex-companheiro, depoimentos registrados nas Delegacias Especializadas no Atendimento às Mulheres, enquanto a segunda estudou o mesmo processo no debate eleitoral que ocorreu em 2012 entre

os então candidatos à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad e José Serra.

1 O Processo de Negociação de Faces

Todo discurso, dialogal ou monologal, materializa um jogo recíproco de influências entre os interlocutores, jogo que implica inevitavelmente uma negociação de imagens identitárias. Limitado pelas restrições de natureza institucional, o locutor projeta imagens de si em função desse quadro, assim como da imagem que faz do outro e da imagem que espera que o outro faça de seu interlocutor. Em diferentes vertentes dos estudos da linguagem, a literatura sobre enunciação vem há décadas buscando entender esse processo e explicar em que medida é na linguagem e por meio dela que os interlocutores interagem e, mais ainda, se constituem.

Na abordagem interacionista de Goffman (2011, p. 13-14), a imagem que o locutor projeta de si no discurso é tratada com o auxílio da noção de face. A face diz respeito ao “valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha [de conduta] que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular”. Especificando melhor o conceito, o autor define a face como uma imagem que o sujeito constrói de si na interação: “A fachada [face] é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (Goffman, 2011, p. 14). Por se referir ao jogo de construção de imagens recíprocas desenvolvidas na interação, essa noção “corresponde a um processo de caráter dramático” (PESSOA, 2004, p. 54).

A construção dessa imagem se dá à revelia do sujeito, ou seja, sempre que interagimos, assumimos uma linha de conduta ou um determinado “padrão de atos verbais e não verbais” e, conseqüentemente, projetamos de nós mesmos uma determinada imagem ou face, ainda que disso não estejamos conscientes. A relação do sujeito com a face que assume em dada situação é de natureza emocional. Afinal, sentimos que a face, apesar de ser um construto ou um efeito da interação, identifica-se com o nosso eu, o que faz com que uma agressão a ela desencadeie diferentes sentimentos: revolta, despeito, antipatia etc.

Porém, ainda que nossos sentimentos se liguem à face, para Goffman (2011, p. 15), a linha que seguimos numa interação particular possui uma natureza fortemente institucional: “A linha mantida por e para a pessoa durante o contato com outros tende a ser de um tipo institucionalizado legítimo”. Em outros termos, não agimos de qualquer forma em qualquer situação, porque, dependendo do papel social que desempenhamos na interação (professor, operário, depoente, candidato a um cargo público, médico etc.), há expectativas tácita e socialmente acordadas sobre como devemos agir ou, nos termos de Goffman, sobre qual linha devemos seguir.

Sendo nossa linha de conduta regulada institucionalmente e sendo a face a imagem projetada por meio dessa linha, concebe-se a face como um fenômeno de natureza institucional e não apenas individual. Desse modo, a situação nos informa qual ou quais faces podemos ou não podemos assumir, formando ou formatando nossa personalidade, conforme expectativas sociais e institucionais. Nessa perspectiva, Goffman (2011, p. 15) observa:

Tendo em vista seus atributos e a natureza convencionalizada do encontro, ele [um participante da interação] terá um pequeno conjunto de linhas abertas para ele escolher, e um pequeno conjunto de fachadas [faces] para escolher estará esperando por ele.

Compreende-se que o sujeito que subjaz ao pensamento de Goffman não corresponde à imagem de um ser livre e dotado de total consciência, que age estrategicamente, com o fim de alcançar seus propósitos. Esse sujeito apresenta, assim, sensíveis diferenças em relação ao sujeito da pragmática, área dos estudos da linguagem à qual Goffman costuma ser rotineiramente associado¹.

De acordo com Goffman (2011), se, de um lado, as faces disponíveis para um sujeito assumir num dado encontro são predispostas pela natureza convencional desse encontro, de outro, as maneiras adequadas para o sujeito preservar a face escolhida ou atacar a face escolhida pelo outro também são regulados socialmente. É o que evidencia este trecho:

¹ Para uma discussão aprofundada sobre a noção de sujeito nos estudos interacionistas, cf. Vion (1992).

Mesmo que a pessoa que empregue ações para salvar sua fachada não conheça todas as consequências delas, elas frequentemente se tornam práticas habituais e padronizadas; elas são como jogadas tradicionais num jogo, ou passos tradicionais numa dança. Cada pessoa, subcultura e sociedade parecem ter seu próprio repertório característico de práticas para salvar a fachada. Em parte, é a esse repertório que as pessoas se referem quando perguntam como uma pessoa ou cultura ‘realmente’ são. [...] É como se a fachada [face], por sua própria natureza, só pudesse ser salva através de um certo número de formas, e como se cada agrupamento social precisasse fazer suas escolhas dentro dessa única matriz de possibilidades (GOFFMAN, 2011, p. 20-21).

Esse trecho revela que, para Goffman, as atitudes tomadas para salvar a face são práticas habituais e padronizadas e, por isso mesmo, compõem um repertório para escolha ou uma matriz de possibilidades convencionais, matriz característica de uma pessoa, uma subcultura ou uma sociedade. Assim, os procedimentos envolvidos na criação, manutenção e defesa das faces (*face-work*) possuem uma dimensão fortemente social e histórica.

No que se refere ao trabalho de face, qualquer recurso empregado na composição de um discurso funciona como um índice desse trabalho ou do processo por meio do qual ocorre a negociação de imagens: a presença ou a ausência de elementos dêiticos de pessoa, tempo e lugar, o tipo de sequências discursivas empregado (narração, descrição, argumentação, injunção), a ativação ou o silenciamento de determinados objetos de discurso, as construções sintáticas, o uso de modalizadores, as relações de discurso entre as informações do texto, os conectores e as estruturas sintáticas escolhidos para sinalizar essas relações, propriedades entonacionais, elementos tipográficos diversos (tipo e tamanho de letra), as cores, a presença ou a ausência de figuras representando personagens. Na composição de um discurso, nada disso é gratuito, porque quaisquer desses elementos e todos em conjunto apontam para a linha de conduta seguida pelo locutor na interação com o interlocutor e, conseqüentemente, projetam uma imagem do locutor, bem como a imagem que este faz daquele com quem dialoga.

Nos próximos itens, vamos mostrar como diferentes planos da organização do discurso, tais como as relações de discurso, as formas de

discurso representado e a organização tópica, materializam esse processo de negociação de faces. Estudaremos, inicialmente, o gênero depoimento e, em seguida, o gênero debate eleitoral.

2 A Negociação de Faces e Lugares em Depoimentos nas Delegacias da Mulher

O objetivo que sustenta nossa pesquisa dos depoimentos presentes no sistema jurídico reside na compreensão do gerenciamento de relações de faces no contexto das interações entre envolvidos em casos de violência doméstica e na maneira como cada um se posiciona. Em outras palavras, procuramos compreender a construção de faces dos envolvidos em casos de violência doméstica (afetivo-conjugal), quando interrogados junto às autoridades, bem como a importância das escolhas linguísticas e das estruturas discursivas que se manifestam na e pela língua utilizada nos depoimentos.

A pergunta que nos motivou foi procurar compreender como vítima e agressor gerenciam suas faces sobre a violência que gerou a denúncia e é registrada nos depoimentos, nas audiências e em outros gêneros que compõem o processo judicial desde a fase inicial do inquérito policial e oferecimento da denúncia até as oitivas, audiências de instrução e julgamento, entre outros gêneros do domínio jurídico.

Dos documentos que compõem o *corpus* da pesquisa² – 20 (vinte) processos enquadrados na Lei Maria da Penha e transcrição de 10 (dez) audiências de instrução e julgamento, em que vítima e acusado mantêm relações conjugais-afetivas ou já mantiveram esse tipo de relação –, escolhemos os depoimentos em registro escrito, que ressoam dos autos do inquérito policial registrado nas Delegacias Especializadas no Atendimento às Mulheres

² Neste artigo, expomos parte dos resultados de pesquisa desenvolvida durante o estágio pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais, financiada pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), sobre a gestão de faces, poder e lugares de atores sociais envolvidos em processos enquadrados na Lei Maria da Penha. Parte da pesquisa foi publicada em Tomazi e Marinho (2014).

(DEANs)³. Neste artigo, traremos apenas dois exemplos que possam ilustrar nossa análise quali-interpretativa dos dados.

A noção de face como “o valor social positivo” que os participantes de uma interação querem criar, garantir ou manter, retomando o trabalho de Goffman (2011), não nos parece, no caso das interações que envolvem esse tipo de violência, consolidar a ideia originalmente introduzida pelo teórico, para que se possa garantir uma imagem pública positiva que, em situações comuns de interação, pressupõe um acordo, uma negociação na qual cada participante procura garantir o trabalho de manutenção de face, ou *face-work* (GOFFMAN, 2011).

No caso da violência contra a mulher, assumir a ação de denunciar o ato de violência sofrido a pessoas estranhas, mesmo que tal denúncia seja feita nas Delegacias da Mulher, constitui uma ameaça à face de uma mulher. Isso porque, além de sofrer a violência física, ao decidir denunciar o companheiro ou ex-companheiro, ela sofre uma violência emocional muito grande, sendo ainda maior quando se depara com um ouvinte desconhecido a quem terá que relatar fatos íntimos e pessoais ocorridos dentro do seu espaço particular, seu lar (OSTERMANN, 2006). Na maioria dos casos analisados, cerca de 90% das agressões ocorreram dentro de casa e, em alguns casos, se estenderam para a rua.

Essa vulnerabilidade da vítima, além de seu lugar socialmente construído pela história e pela cultura, coloca-a em uma posição de ameaça de sua face, sendo justamente as escolhas linguísticas o que entra em cena para minimizar ou não as interações dessa natureza.

Nos processos de interação dos participantes envolvidos em casos de violência, notamos que não há uma preocupação com vistas à negociação

³ A busca pela objetividade no discurso jurídico faz com que, na passagem do discurso oral para o escrito, aquilo que se considera dispensável para a apresentação dos fatos seja eliminado. Essa retextualização constitui, pois, um interessante processo a ser estudado discursivamente, uma vez que nos propõe reflexões de ordem tanto linguística quanto ética, já que um documento pouco fiel aos depoimentos dados pode oferecer problemas às partes envolvidas, como uma condenação ou absolvição equivocada, por exemplo, além de futuros mal-entendidos do juiz de direito, caso seja feita uma denúncia pelo Ministério Público. Não nos ocuparemos dessa questão, tendo em vista os objetivos deste artigo.

para se preservar a própria imagem da vítima e a de seu agressor. Em audiências orais, notamos que ambos os envolvidos trabalham para “sujar a face” do outro (BAYRAKTAROGLU, 1991), ao mesmo tempo em que ameaçam a própria face.

No discurso da mulher agredida, transparece seu papel de vítima passiva na cena de agressão, em contraste com o lugar ativo de seu agressor. Em suas falas, é possível perceber que ambos, acusado e vítima, procuram dissimular ou apagar a agência agressiva em seus relatos.

Os depoimentos que escolhemos para amostragem neste artigo fazem parte de um mesmo processo e estão relacionados a uma denúncia da vítima contra seu ex-companheiro, após um desentendimento que chegou à agressão física⁴. Os perfis dos envolvidos no processo revelam uma mulher de 26 anos, divorciada, em um segundo relacionamento, possui o segundo grau completo, uma filha (fruto do relacionamento com o ex-companheiro que a agrediu), desempregada, com ocupação “do lar”; um homem de 34 anos, divorciado, em um segundo relacionamento, com primeiro grau completo, pedreiro. Vejamos o depoimento da vítima:

(A) Que o acusado estava segurando na mão de sua filha como fosse pegá-la; Que a depoente puxou a criança e o acusado a empurrou; Que entraram em luta corporal; Que o acusado ao empurrá-la atingiu a região do seu peito; Que lhe deu vários empurrões e socos no tórax; Que o acusado disse “isso não vai ficar assim”; Que não sentiu medo quando o acusado a ameaçou; Que não sabe se o acusado estava bêbado, mas que enquanto esteve casado com ela vivia embriagado; Que o atual companheiro presenciou os fatos; Que não discutiu com o acusado (Proc. n. 024.11.007202-02).

⁴ A vítima dessa agressão, após registrar o Boletim de Ocorrência no DPJ de Vitória, foi encaminhada ao DML para exame de corpo de delito, o que resultou no laudo, onde são comprovadas as agressões. Em seguida, foi orientada a procurar o Núcleo de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, vinculado à Promotoria da Mulher de Vitória, para atendimento psicológico e social e o CAVVID, e orientada a procurar o Núcleo de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher da Defensoria Pública do Estado do Espírito Santo.

Em estudos anteriores, já se comprovou que, em muitos casos, a situação que envolve a violência conjugal encerra uma relação de poder complexa e dinâmica (IZUMINO, 2011). A mulher relata os fatos procurando preservar a sua face diante da agressão e assumindo, no próprio discurso, a sua passividade, já que, mesmo reconhecendo que houve a luta corporal, há uma preocupação presente na narrativa para explicar o ato agressor, mas se eximir de qualquer tentativa de conflito que tenha sido gerada por ela. Nesse sentido, pelas estratégias de passividade e imobilismo, ou seja, por meio de uma perspectiva vitimista, embora se possa depreender uma violência perpetrada pela mulher, essa violência é representada de forma mais difusa ou mesmo apagada (FREITAS; PINHEIRO, 2013).

Apesar de afirmar que entrou em luta corporal, a mulher deixa claro que a força física do agressor foi maior que a sua e enfatiza a ameaça feita pelo acusado, procurando assegurar a veracidade do fato, quando apresenta a figura do companheiro atual como testemunha de que houve uma agressão muito maior por parte do acusado e que ela sequer havia discutido com ele. Nesse sentido, ela procura preservar sua face e apresentar a face “suja” e negativa de seu agressor.

No mesmo processo, o relato do acusado apresenta estratégias que procuram apagar essa imagem negativa criada pela mulher e minimizar a agressão, enquanto ressalta aspectos que desfavorecem a face da vítima. O inquérito a respeito dos fatos relata que:

- (B) Que a denúncia não é verdadeira; Que os problemas que teve com a vítima foram porque “ela é mulher macho”, tudo ela brigava, tudo ela partia pra cima, sendo que num dia ela quebrou o seu nariz; que sobre os fatos, o que na verdade aconteceu foi que ele deixou a filha (tem visita livre para ver a filha) brincando com os sobrinhos no quintal e foi levar seu pai no trabalho; Que a vítima soube que ele havia se ausentado de casa por aquele tempo e buscou a criança; Que então foi na rua da vítima pegar novamente a criança; Que a vítima e seu marido saíram na rua e o declarante pegou a mão da criança para levá-la; Que a vítima foi pegar a menina de sua mão e por isso o declarante a empurrou; Que o marido dela veio em sua direção, deu uma rasteira nele; Que não desferiu soco no peito da vítima, apenas a

empurrou; que a chamou de drogada porque ela realmente é drogada e vive no beco do cigano cheirando pó e deixando a menina em casa sozinha (Proc. n. 024.11.007202-02).

Observamos, no relato do agressor, estruturações discursivas que procuram apagar e negar o ato na tentativa de preservar sua face e realçar a ação agressiva da mulher, em primeiro plano. As negações ocorrem por meio de diferentes estratégias. O acusado pela agressão não só nega o ato em si, como reforça o caráter agressivo da mulher. Ao enunciar, no início da narrativa, a representação do conflito por meio da negação do ato agressivo, ele se utiliza de uma força argumentativa pressuposta pelo fato de ter existido uma denúncia que não possui valor de verdade, “não é verdadeira”. Tal estratégia coloca em risco não só a face da mulher, que denunciou, mas também do próprio Defensor Público, que ofereceu a denúncia para que o processo desse seguimento, após a juíza aceitar a denúncia.

Em seguida, a narrativa continua com a tentativa de negação do ato perpetrado pelo agressor, mas o argumento que ele utiliza é pautado numa retomada do seu relacionamento com a mulher no passado, ou seja, ele justifica “que os problemas que teve com a vítima foram porque ela é mulher macho, tudo ela brigava, tudo ela partia pra cima, sendo que num dia ela quebrou o seu nariz”. Percebemos que a intenção argumentativa é minimizar a própria violência perpetrada por ele a partir de uma transferência de responsabilidade que encontra respaldo no passado. Em sua fala, é possível perceber a relação de gênero sustentada pela reafirmação ou afirmação da masculinidade dominante, hegemônica, ainda patriarcal, segundo a qual o lugar do homem é o da masculinidade, virilidade e força física⁵.

Ao voltar ao passado, o argumento do acusado é utilizado para tentar prejudicar a face da mulher, que é reconhecida em seu discurso com características próprias do gênero masculino e não do gênero feminino, ao qual ela cultural e socialmente pertence. Desse modo, o reforço desse argumento está pautado em um conceito de gênero vinculado ao sistema de

⁵ Scott (1986) foi quem, a partir de uma perspectiva histórica, definiu o gênero como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e um primeiro modo de dar significado às relações de poder.

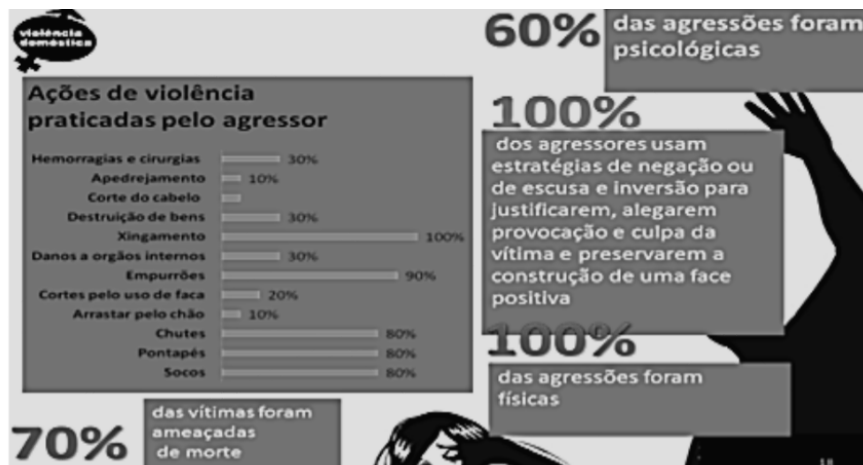
relações entre os sexos e à dinâmica do poder no ocidente, que vê a masculinidade como uma construção histórica, cultural e social. O uso da expressão “mulher macho”, própria do homem nordestino, reforça a visão de homem macho, viril, violento e corajoso. Essa transferência, então, não remete apenas à transferência de responsabilidade, mas a uma transferência de lugar social, histórico e culturalmente construído.

Ele investe em um discurso de culpabilização da vítima que encontraria respaldo no seu passado agressivo, já que ela, sim, praticou agressão contra ele, porque sempre “partia pra cima”, até chegar ao ponto de quebrar o nariz do acusado. Essa construção negativa da face da mulher agredida é reforçada pela estratégia de escusa e inversão, que consiste justamente em alegar provocação e culpa da vítima. Além da expressão tipicamente nordestina, a narrativa expõe uma visão de mulher com um comportamento totalmente diferenciado, sendo, pois, a construção de uma imagem que a desqualifica diante de seus supostos papéis, de mulher, de mãe, de esposa, de dona de casa etc.

A sequência das estruturas narrativas utilizadas pelo acusado revela sua tentativa de reformulação da denúncia, a partir do uso do reformulador “na verdade”, que é utilizado para retomar os fatos no presente mais próximo ao ato e explicá-los sob o seu ponto de vista, para preservar sua face positiva. Nesse sentido, a negociação de faces, no depoimento, esbarra nas considerações de Goffman (2011, p. 31) sobre o que denomina “intercâmbios agressivos”. Essa agressividade aparece fortemente marcada na narrativa do acusado, ao tentar apresentar fatos positivos para ele e negativos sobre a mulher. Sua estratégia é defender-se da denúncia e conseguir preservar sua própria face. Isso fica visível ao atacar a integridade da mulher em vários níveis, que vão desde o ataque ao gênero até o ataque moral e psicológico, já que ela vive com outro homem, não cuida bem do filho e é usuária de drogas.

De um modo geral, os processos analisados na pesquisa demonstram que a questão da violência contra a mulher é um tema que precisa ser explorado, para que possamos descortinar essas relações que envolvem verdadeiras lutas no trabalho de manutenção de face por parte de cada envolvido. O Quadro 1 reflete bem os resultados desses intercâmbios agressivos nos vinte processos analisados em nossa pesquisa:

Quadro 1: Resultados das análises das ações de violência e construção de faces



Além de colocar em evidência a maneira como cada envolvido em casos de violência doméstica tenta construir estratégias para apresentar uma face positiva de si e negativa do outro, as análises nos fazem refletir sobre a maneira como os textos pertencentes ao domínio do discurso jurídico ajudam a consolidar uma ideologia social marcada por discriminações de gênero e por relações de poder. Em todos os casos analisados, a exemplo do selecionado neste estudo, o agressor nega a agressão física, mesmo quando a vítima apresenta marcas evidentes de lesão corporal. A violência, nesse contexto doméstico, nunca é entendida como um problema pessoal, mas da mulher, da família, dos filhos, ou dos problemas econômicos e sociais.

Sabemos que as declarações prestadas “ressoam nos autos”, para usar um termo do universo jurídico, e constituem provas para a absolvição ou condenação dos envolvidos no processo judicial. Parece-nos, portanto, evidente, pela nossa própria predisposição para preservação de nossa face positiva em uma interação, que os recursos linguísticos, dos quais se valem os participantes da interação para convencer o interlocutor, podendo ser um juiz, advogado ou promotor, sejam gerenciados no sentido de cada um atingir os seus objetivos adequados para essa comunicação.

3 A Negociação de Faces no Debate Eleitoral

Neste item, procuramos evidenciar em que medida a negociação de faces é um processo característico do gênero debate eleitoral⁶. Nesse gênero, a situação de confronto entre adversários torna a relação de faces extremamente delicada, mais do que em outros gêneros políticos, como a propaganda eleitoral, por ser essa relação no debate menos submetida ao controle e aos cuidados de um marqueteiro.

Por isso, o debate eleitoral é um gênero especialmente interessante para o estudo das relações de face. Nesse tipo de interação, cada participante é bastante consciente da construção de sua autoimagem e atento à imagem que o outro (o adversário) constrói para si, bem como aos efeitos que as imagens construídas podem alcançar junto ao espectador (eleitor). No debate, existe, pelo menos, uma razão que leva os adversários políticos a ter consciência das relações de face, percebendo de forma mais acentuada que as ações que realizam projetam imagens de si.

O debate eleitoral materializa uma situação de interação complexa. Isso porque o debate combina diferentes níveis de interações. Num primeiro nível interacional, estabelece-se a interação entre os candidatos. Num segundo nível, a interação se dá entre os candidatos (e a emissora de televisão ou a estação de rádio) e os espectadores. A razão de ser da interação entre os candidatos é a interação entre os candidatos e os espectadores. Afinal, a finalidade do confronto entre os adversários políticos é possibilitar que os espectadores (eleitores) conheçam e comparem suas propostas, a fim de decidir em quem votar (BURGER, 2002, 2004).

Para a compreensão do que ocorre no gênero debate, são bastante pertinentes as considerações de Goffman (2011, p. 31) sobre o que denomina “intercâmbios agressivos”:

⁶ A discussão apresentada neste item retoma os argumentos e se baseia nos resultados da pesquisa exposta em Cunha (2014, 2015). Nessa pesquisa, o objetivo foi investigar o impacto da negociação de faces sobre o plano das relações discursivas ou retóricas do discurso. O *corpus* estudado constitui-se do debate promovido pela TV Globo, em 2012, entre os então candidatos à prefeitura de São Paulo Fernando Haddad e José Serra.

O propósito do jogo é [...] marcar o maior número de pontos sobre nossos adversários e ganhar o máximo possível para nós mesmos. Uma plateia para o embate é quase uma necessidade. O método geral consiste na pessoa apresentar fatos favoráveis sobre si mesma e fatos desfavoráveis sobre os outros.

O debate eleitoral parece constituir exemplo prototípico do intercâmbio agressivo de que fala Goffman. No debate, os participantes desenvolvem uma linha de conduta em que sistematicamente apresentam fatos favoráveis sobre si e desfavoráveis sobre o outro diante de uma plateia que se deixa persuadir menos pelas propostas expressas nos planos de governo e mais pelas habilidades que os adversários demonstram em lutar por meio da linguagem. Assim como ocorre nos debates, nos intercâmbios agressivos, apresentar-se como um adversário que sabe preservar e salvar a própria face com habilidade, apesar dos ataques do oponente, é mais importante do que as próprias informações veiculadas.

Em intercâmbios agressivos, o vencedor [...] demonstra que, enquanto participante da interação, ele cuida de si melhor do que seus adversários. Muitas vezes, provas dessa capacidade são mais importantes do que todas as outras informações que a pessoa comunica durante o intercâmbio (GOFFMAN, 2011, p. 31-32).

Nessa perspectiva, o que chama a atenção no debate eleitoral é o fato de esse gênero constituir uma espécie de exceção a uma característica comum das sociedades ocidentais, característica apontada por Goffman (2009a, 2011). Conforme o autor, nas interações de modo geral, os intercâmbios agressivos são evitados, e os sujeitos se esforçam não só por preservar sua face, mas também por preservar a face do interlocutor. O envolvimento do sujeito com sua face é tão direto e forte quanto o que tem com a face do outro. Isso explica os sentimentos de raiva, vergonha, humilhação, compaixão que sentimos ao presenciarmos uma situação em que alguém tem sua face agredida. Esse cuidado com a face do outro explica também a má reputação que recebe um sujeito que se vale de seu status superior (patrão, médico, professor) para atacar a face de interlocutor em posição social inferior (empregado, paciente, aluno), humilhando-o.

Goffman (2009a, 2011) trata desse cuidado com a face alheia ao mencionar as práticas ou manobras protetoras que comumente empregamos nas interações de modo geral:

A pessoa demonstra respeito e polidez, assegurando-se de estender às outras qualquer tratamento cerimonial que elas possam receber. Ela emprega a descrição; ela não menciona fatos que possam, implícita ou explicitamente, contradizer e constranger as afirmações positivas feitas pelas outras. Ela emprega circunlocuções e engodos, fraseando suas respostas com uma ambiguidade cuidadosa de modo a preservar a fachada [face] dos outros, mesmo que não preserve o bem-estar deles (GOFFMAN, 2011, p. 24).

Contrariando essa espécie de norma social, o debate exige que os interlocutores se enfrentem, atacando-se mutuamente por meio de ironias, acusações, críticas e deboches e empregando o mínimo possível qualquer manobra protetora da face do outro. Nesse gênero, há a permissão implícita para que os candidatos se ofendam e enxovalhem ou, pelo menos, desmereçam o passado político de um e de outro e não só exponham propostas de governo. Não raro, os ataques chegam a atingir o domínio privado da vida íntima e familiar dos candidatos. Além disso, não há (nem pode haver) por parte dos interlocutores a intenção de chegarem a um consenso sobre os tópicos em discussão, o que faz com que o debate se caracterize por um discurso essencialmente polêmico, marcado pela violência verbal (AMOSSY, 2011; BURGER, 2011).

Nos termos de Goffman, as interações de modo geral se caracterizam por um cuidado de todos os envolvidos para que cada ator sinta que sua representação foi bastante convincente e que, ao longo de toda a interação, não houve imprevistos que comprometessem a encenação do personagem, ainda que esses imprevistos tenham ocorrido. No debate, ao contrário, cada participante se esforça por constranger o oponente, revelando ao espectador/eleitor “o homem que se acha por trás da máscara” (GOFFMAN, 2009a, p. 194). Ou seja, esforça-se por mostrar que as supostas qualidades que o outro demonstra ou declara a seu respeito são falsas e que, por isso, há um descompasso entre o homem e o personagem que ali se encena. O debate se

assemelha, portanto, a um jogo em que ganha mais pontos aquele que melhor consegue revelar para o espectador que o que o adversário diz não corresponde ao que ele, de fato, pensa e que a imagem de si que o adversário apresenta não corresponde ao que ele, de fato, é.

Tendo em vista a natureza convencional dos mecanismos empregados na negociação de faces, a luta verbal que caracteriza o gênero debate motiva o estudo dos mecanismos linguísticos e textuais tipicamente empregados por seus participantes nesse trabalho agressivo de construção e destruição de imagens. Na negociação das faces envolvidas num debate, os adversários políticos vão se valer de recursos pertencentes a vários planos da organização do discurso. Assim, cada candidato, para criar sua face e salvá-la dos ataques recebidos e para atacar a face de seu agressor, vai mobilizar desde recursos microlinguísticos, como determinados tempos verbais e estruturas sintáticas, advérbios modalizadores e atos de fala específicos, até recursos textuais e discursivos mais amplos, como apoio no intertexto, seleção de sequências discursivas apropriadas e construção de uma cadeia referencial em que determinados objetos de discurso são ativados em lugar de outros.

Focalizando o plano das relações de discurso ou relações retóricas (MANN; THOMPSON, 1986), o estudo em que este item se apoia procurou revelar que também a forma como os candidatos a um cargo público estabelecem diferentes relações entre as informações que expressam é motivada, em grande medida, pelo processo de negociação de faces. A fim de ilustrar como isso ocorre, faremos uma apresentação sucinta de como, no debate estudado, cada candidato, Fernando Haddad e José Serra, estabelece relações retóricas (elaboração, concessão, evidência, contraste, condição etc.) para se apresentar ao eleitor de uma forma ou de outra⁷.

Durante todo o debate, Haddad se apresentou de maneira mais agressiva do que seu adversário, já que, a todo momento, adotou a estratégia de criticar o passado político de Serra (ex-prefeito de São Paulo), as

⁷ Vale esclarecer que não é nosso intuito fazer uma apresentação detalhada da pesquisa em questão. Os exemplos que serão apresentados devem ser entendidos apenas como uma ilustração das proposições feitas anteriormente sobre a negociação de faces no debate eleitoral. Para uma apresentação sistemática da pesquisa, cf. Cunha (2014, 2015).

declarações dadas por ele no debate, bem como seu programa de governo. Assim procedendo, Haddad procura construir para si a face de candidato indignado, que se incomoda e que se irrita com os problemas vivenciados pela população, mas que sabe como resolver esses problemas.

A postura mais hostil de Haddad ou sua tentativa de construir para si a imagem de candidato indignado se reflete na emergência das relações retóricas. Em sua fala, as relações de antítese, em que informações são contrapostas, são muito frequentes, mais do que na fala de Serra. Na fala de Haddad, o emprego dessas relações tem o claro objetivo de desestabilizar o adversário, desconstruindo sua imagem de gestor eficiente. Como mostra este exemplo, Haddad quer convencer o eleitor de que Serra promete ações, mas não as cumpre. No trecho, as relações de antítese são marcadas pelo conector *mas*⁸.

- (C) (01) Olha, há oito anos nós estamos aguardando providências que estão sendo anunciadas agora (2) mas que não foram tomadas. (3) São medidas simples que o Serra está anunciando, (4) mas tiveram oito anos para fazer (5) e não fizeram.

A relação de justificação também foi bastante explorada por Haddad. Em sua fala, a emergência dessa relação é motivada principalmente por sua busca por rebater críticas do adversário. Neste exemplo, Haddad tenta reparar sua face de um ataque sofrido, negando a crítica do adversário, em (7-8), e mostrando que essa crítica é falsa, equivocada ou caluniosa, em (9-15).

- (D) (7) Você se engana (8) quando você diz que nós não queríamos investir em metrô, (9) só que nós queríamos fazer um investimento mediante contrapartida, (10) não repassar dinheiro (11) para o metrô investir no sistema financeiro, (12) deixar o dinheiro parado, (13) porque hoje não tem um “tatuzão” escavando na cidade de São Paulo, (14) e a linha seis que vocês prometeram para 2012 vocês nem licitaram, (15) a Brasilândia está esperando sentada das promessas de vocês.

⁸ A numeração indica que os turnos foram segmentados em sentenças.

Por sua vez, Serra, ao longo de todo o debate, adotou uma linha de conduta mais defensiva do que seu adversário. Esse comportamento pode ser entendido como uma reação natural à maior agressividade de Haddad, mas pode ser compreendido também como uma estratégia previamente calculada. Afinal, manter-se calmo diante de um oponente que acusa e esbraveja pode ter como efeito a construção, junto ao eleitorado, de uma imagem de candidato mais sereno, racional, senhor de si e, portanto, mais preparado para lidar com as tensões do cargo de prefeito de uma cidade como São Paulo⁹.

O comportamento mais defensivo de Serra se reflete na forma como ele estabelece as relações retóricas, ou melhor, as relações retóricas contribuem para a construção de uma imagem de candidato mais defensivo e, por isso, mais ponderado em alguns momentos. Mas as relações contribuem também para a construção de uma imagem de candidato mais inseguro e frágil em outros momentos.

De modo geral, Serra parece querer fugir de confrontos diretos com o adversário. Como reflexo desse comportamento, predominam em sua fala as relações de elaboração, que lhe permitem oferecer detalhes de seu programa de governo, e de preparação, com as quais prepara o ouvinte para o que dirá na sequência, na busca por se fazer melhor compreendido.

Como exposto, o emprego sistemático dessas relações pode ter como efeito a construção da imagem de candidato mais sereno, porque não ataca em demasia, e racional, porque se dedica à apresentação de propostas. Mas o estabelecimento constante dessas mesmas relações pode ter também como efeito (indesejado) a construção da imagem de candidato inseguro, que, nos termos de Goffman (2011), cuida mal de si, por não saber se defender ou por se defender mal dos ataques do oponente. Um comentário metadiscursivo que Serra dedica ao comportamento de seu adversário, ao final do segundo

⁹ Mas, independentemente do motivo que tenha levado Serra a se comportar dessa forma, deve-se levar em conta que, em 2012, Serra era o candidato da situação à prefeitura de São Paulo, enquanto Haddad era o candidato da oposição. E um comportamento mais ameno, durante os debates, é característico dos candidatos da situação (CHARAUDEAU, 2015).

bloco do debate, ilustra bem como a linha de conduta assumida pelo candidato governista, no debate, pode suscitar esses dois efeitos.

- (E) Fernando, preliminarmente eu permito dizer que você está muito nervoso, muito agressivo, eu acho que isso não ajuda a qualidade do nosso debate, com toda a franqueza.

Por um lado, esse comentário pode ser entendido como um pedido para que o adversário mantenha o nível do debate, o qual estaria perdendo a “qualidade” por estar fortemente centrado não na exposição de ideias, mas no ataque recíproco dos adversários. Se assim entendido, a imagem que se constrói é a do candidato sensato e racional. Por outro lado, esse mesmo comentário pode ser entendido como um pedido para que o adversário “bata menos”. Nessa interpretação, a imagem que se constrói perante o espectador é a de candidato inseguro, que não sabe se defender e que, não sendo capaz de “golpear” o adversário à altura, pede a este que “pegue mais leve”. Ambas as interpretações são plausíveis, e a escolha de uma ou de outra vai depender, em grande medida, do posicionamento político do ouvinte.

No estudo rapidamente sumarizado neste item, as análises indicaram que as relações retóricas exercem um papel importante na negociação de imagens em debate eleitoral. Afinal, a linha de conduta que um candidato segue está intimamente ligada à forma como ele articula as informações de sua fala. Em outros termos, como as relações retóricas permitem aos interlocutores a realização de ações (elaborar, justificar, contrastar, evidenciar, listar etc.), elas devem ser entendidas como manobras discursivas que constituem parte fundamental da linha de conduta ou do modo como o candidato age ao longo do debate. E é por meio da linha de conduta que as faces são projetadas pelo locutor e percebidas pelo interlocutor e que os candidatos podem tentar levar os espectadores (eleitores) a realizar determinada ação (votar).

Considerações Finais

Neste artigo, procuramos demonstrar que, para além e aquém de uma teoria específica do discurso, a questão que envolve a construção e o

gerenciamento de faces é imprescindível para que se possa chegar aos efeitos comunicacionais e às construções sociais, culturais e identitárias do sujeito. Se se reconhece que nossas relações envolvem sempre a presença de um outro com o qual interagimos e procuramos garantir um valor positivo de nossas faces, também é oportuno reconhecer que nem sempre estamos lidando com “situações normais” de interação que pressupõem um acordo para garantir o trabalho de face ou *facework*.

Nesse sentido, na análise dos depoimentos, procuramos demonstrar como os participantes fazem uso de estratégias linguísticas para procurar atenuar o desconforto, a ameaça e, muitas vezes, a vergonha que encontros de ordem jurídica representam para suas imagens públicas. No caso do agressor, vimos que ele procura reconstruir a face já ameaçada pelo próprio ato físico da agressão e, em contrapartida, ataca a vítima, tentando argumentar que ou ela foi agredida porque agiu com violência contra o acusado e ele apenas se defendeu, ou apelam para a estratégia de vitimização relacionando a agressão com o vício (bebida, droga). De qualquer forma, a contrapartida dessa negociação de face está na banalização do ato e em nome de uma lei e de um poder que ainda encarnam como parte de uma cultura machista.

Já na análise do debate eleitoral, vimos que, na interação com os eleitores, cada candidato é levado a assumir uma linha de conduta, agindo de determinada forma, a fim de mostrar ao espectador quem, de fato, é o melhor candidato. Ao assumir uma linha de conduta, cada candidato realiza diferentes manobras languageiras (ou relações retóricas), tais como elaborar, resumir, justificar, contrastar etc., que têm como consequência inevitável a projeção de determinadas imagens si, bem como uma forma de aceitar e de se relacionar com a face construída pelo outro. Assim, ao contrastar a minha trajetória política e a de meu oponente, revelando os méritos da primeira e as faltas da segunda, estou, ao mesmo tempo, construindo para mim a face que acredito ser a mais favorável e destruindo ou comprometendo a face que o outro vem tentando construir para si.

Os dois *corpora* estudados neste artigo aproximam-se ao permitirem revelar este aspecto fundamental do discurso: alguns elementos da interação demonstram que o próprio evento, em si, já é considerado potencialmente ameaçador à face dos envolvidos e tem impacto direto sobre a linguagem.

Referências

AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

AMOSSY, R. La coexistence dans le dissensus. *Semen.*, Paris, v. 31, p. 1-13, 2011.

BAYRAKTAROGLU, A. Politeness and interactional imbalance. *Internacional Journal of the Sociology of Language*, New York, n. 92, p. 5-34, 1991.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 08 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 10 mar. 2014.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BURGER, M. Encenações discursivas na mídia: o caso do debate-espetáculo. In: MACHADO, I. L.; MARI, H.; MELLO, R. (Org.). *Ensaios em análise do discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso; Faculdade de Letras; UFMG, 2002. p. 201-222.

BURGER, M. La gestion des activités: pratiques sociales, roles interactionnels et actes de discours. *Cahiers de Linguistique Française*, Genebra, n. 26, p. 177-196, 2004.

BURGER, M. Une caractérisation praxéologique du désaccord polémique: ce qu'informer dans les médias veut dire. *Semen.*, Paris, v. 31, p. 1-21, 2011.

CHARAUDEAU, P. Identidade linguística e identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, P. G.; LIMBERTI, R. P. (Org.). *Discurso e [des]igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-29.

CUNHA, G. X. As relações retóricas e a negociação de faces em debate eleitoral. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 47, v. 2, p. 205-238, 2014.

CUNHA, G. X. *O papel das relações retóricas na negociação de faces em debate eleitoral*. 2015. Relatório de pesquisa (Pós-Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FREITAS, L.; PINHEIRO, V. *Violência de gênero, linguagem e direito: análise de discurso crítica em processos na Lei Maria da Penha*. Jundiaí: Paco, 2013.

FREITAS, L. G. Análise crítica de discurso em dois textos penais sobre Lei Maria da Penha. *Alfa*, São Paulo, n. 57, v. 1, p. 11-35, 2013.

GOFFMAN, E. *L'arrangement des sexes*. Paris: La Dispute, 2009a.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009b.

GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

IZUMINO, W. P. “Femicídios” e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 37, p. 219-246, 2011.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. *Discourse Processes*, v. 9, n. 1, p. 57-90, 1986.

OSTERMANN, A. C. Comunidades de prática: gênero, trabalho e face. In: HEBERLE, V.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. C. (Org.). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 15-47.

PESSOA, F. C. *As relações interpessoais nos domínios do contar e fazer contar as narrativas populares da Amazônia Paraense*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SCOTT, J. W. Gender: a useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, Dec. 1986. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1864376?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em 28/04/2015.

TOMAZI, M. M.; MARINHO, J. H. C. Discurso jurídico e relações de poder: gestão de faces e de lugares. *(Con)textos Linguísticos*, Vitória, v. 8, n. 10/1, ed. esp., p. 245-278, 2014.

TRACY, K. The many faces of facework. In: GILES, H.; ROBINSON, W. P. (Ed.). *Handbook of language and social Psychology*. Chichester: John Wiley and Sons, 1990. p. 209-226.

VION, R. *La communication verbale: analyse des interactions*. Paris: Hachette, 1992.

Recebido em: 09/04/2016

Aceito em: 04/05/2016